

O CUIDAR DE SI PARA O CUIDAR DOS OUTROS

Hellen Maria de Oliveira Lopes¹

Antes de tecer qualquer tipo de homenagem ou traçar elogios, é necessário alertar ao leitor do risco e, talvez, da insuficiência das palavras. O alerta se deve ao fato das palavras não exprimirem com precisão o olhar que acolhe, a voz que direciona sem cercear a liberdade de escolher por si só qual caminho seguir. É assim que brevemente podemos aproximar o conceito de “cuidado” ao professor Dr. Luizir Oliveira, ou simplesmente Luizir.

O cuidado no qual nos referimos é aquele já presente no período romano e helenístico e revisitado por Foucault, na modernidade. Compreender a importância do olhar que acolhe, requer compreender também a necessidade do cultivo de si. Ou, como afirma Foucault, “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo”. Nessa direção segue que para cuidar de si é necessário conhecer-se a si mesmo, como já pressupunham os antigos.

Ao convivermos com Luizir, percebemos em sua trajetória acadêmica e sua história de vida, alguém que sempre buscou “cuidar de si”. Dentre muitas conversas que tivemos durante o processo de orientação, ficou guardada na memória a imagem da criança que optou em voltar caminhando para casa e utilizar o dinheiro do ônibus para comprar livros. Isso evidencia que, mesmo sem qualquer noção filosófica sobre formação, constituição subjetiva ou cuidado, já havia uma relação consigo mesmo, um cuidar-se de si e constituir-se.

Não à toa, Luizir traz em sua biografia acadêmica estudos sobre a vida e a obra de Sêneca e o estoicismo. Teoria que mostra, grosso modo, o indivíduo, não como senhor do universo, mas como parte dele. Por isso a importância da harmonia entre indivíduo e cosmos. Assim como a importância de o indivíduo cultivar-se, posto que o mal presente no mundo tende a não provocar infelicidade profunda já que o estoico cultivava a auto felicidade, aquela que vem de dentro e não se perturba com a exterioridade. Se o mal nos atinge, ele é fruto daquilo que cultivamos. Para Sêneca, “o mal do qual sofremos não vem dos lugares, mas de nós mesmos, que não temos força para nada suportar [...]”.

Mesmo não tendo, como dito anteriormente, embasamento filosófico para pensar que uma boa leitura talvez fosse mais interessante que um joguinho, a infância simples apontou para Luizir que a felicidade estava em sua capacidade imaginativa vinda da literatura. Capacidade esta que certamente o fez perceber que não eram nos bens supervalorizados no mundo exterior que o fariam feliz, mas o cultivo que ele poderia fazer de si mesmo por meio da literatura. E aqui refazemos a frase de Sêneca e dizemos que a felicidade não vem dos objetos presentes no mundo e externos a nós, mas de nós mesmos, do auto cultivo.

¹ Professora Dra. do Instituto Federal do Maranhão - IFMA. Foi orientanda do professor Dr. Luizir Oliveira no mestrado na Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Precisamos, entretanto, não tentar trazer para a imagem de uma criança a figura de um sábio. Todos fomos crianças e sabemos como se comportam. O que pretendi expor aqui é a imagem de alguém que, por sua história de vida, sempre foi acolhedor, não o grande sábio. Inclusive, em seu livro sobre a vida de Sêneca, Luizir deixa claro que o filósofo traz a imagem do sábio como um modelo e aponta as dificuldades de alcançar esse paradigma. Nos diz que, “todavia, o sábio não existe. Portanto, o importante é nos ocuparmos de nós mesmos, homens que aspiramos à sabedoria, mas que não somos, nem podemos jamais ser, sábios naquele sentido absoluto.”

Não como sábio, mas como homem comum, Luizir soube acolher todos aqueles que se aproximaram dele e precisaram não só de orientação acadêmica, mas de uma conversa boa, tranquilizadora, inteligente e alegre. Ouvir sua história de vida em sua cidade natal e viajar com ele ao redor do mundo sempre foram momentos de grande satisfação. Grande felicidade em momentos simples, é isso que nessa pequena homenagem eu procurei mostrar o que é cuidar de si e cuidar do outro. São gestos simples em momentos acolhedores, não com o intuito de acolher o Summum Bonum, como o professor traz em seu livro, porque somos indivíduos comuns, mas como aqueles que buscamos arduamente melhorar nossas escolhas e atitudes durante nossas trajetórias de vida. Luizir nos mostra que, “ao homem comum não é dado atingir o Fim Supremo, o Summum Bonum do eudemonismo, isso o filósofo (Sêneca) reconhece sempre. Mas lhe é facultado perseverar na busca do seu autoaperfeiçoamento. Aí reside seu prêmio maior. Nesse esforço voluntário consiste sua maior virtude”. E, no exercício constante para atingir a virtude e o autoaperfeiçoamento, quero encerrar dizendo Obrigada. Apesar da distância ocasionada pelas atividades diárias, sempre trago o carinho e ensinamentos que pude obter durante nossa jornada acadêmica, jornada esta cheia de surpresas.

BIBLIGRAFIA

FOUCAULT, M. História da sexualidade: o cuidado de si. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. A hermenêutica do sujeito (Resumo dos Cursos do Collège de France/1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

OLIVEIRA, Luizir. Sêneca: uma vida dedicada à filosofia. São Paulo: Paulus, 2010.

SÊNeca, L. A., et al. Da tranquilidade da alma. Antologia de textos. Trad. de Giulio Davide Leoni. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 5 v. (Coleção os pensadores).